
*A prescrição e o propósito: entrevistas orais como “resíduos”
de um projeto, incursões em uma iniciativa de história oral
desenvolvida na década de 1970*

*The prescription and the purpose: oral interviews as “residues” of a
project, incursions in an oral history initiative developed in the 1970s*

Karla Simone Willemann Schütz ¹

Resumo: A partir do acervo de pesquisa deixado por um historiador catarinense, o presente artigo analisa como se converteram em um trabalho empírico as principais diretrizes acerca da história oral que circulavam no Brasil durante a década de 1970, momento em que essa metodologia começou a ganhar destaque na produção historiográfica do país. O arcabouço teórico metodológico utilizado na investigação se baseia na “crítica do processo”, um desdobramento da crítica genética, bem como em literatura que versa sobre a história oral e o diálogo entre memória e escrita da história. Acompanhando os caminhos e escolhas operadas pelo pesquisador Simão Willemann, o trabalho permitiu perceber diversos elementos que remetem à historicidade do desenvolvimento da história oral no Brasil que estão materializados em percursos de pesquisa individuais e arquivos pessoais.

Palavras-chave: Acervo de pesquisa; Crítica do processo; História oral.

Abstract: Based on the research collection left by a historian from Santa Catarina, this article analyzes how the main guidelines about oral history that circulated in Brazil during the 1970s, when this methodology began to gain prominence in the country’s historiographical production, became an empirical work. The theoretical and methodological framework used in the investigation is based on “process criticism”, an unfolding of genetic criticism, as well as on the literature that deals with oral history and the dialogue between memory and history writing. Following the paths and choices of the researcher Simão Willemann, the work made it possible to perceive several elements that refer to the historicity of the development of oral history in Brazil that are materialized in individual research paths and personal archives.

Keywords: Research collection; Process criticism; Oral history.

¹ Doutora em História (2020) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora de História da Educação Básica na rede pública e na rede privada de ensino. Integrante do Grupo de Pesquisa Arquivos Pessoais, Patrimônio e Educação (UFRGS) e do Laboratório de Patrimônio Cultural (LapPac – UDESC). Email: karlawunschutz@gmail.com

Apontamentos iniciais

Algumas reflexões precisam de certo distanciamento temporal para que encontrem o momento de vir à tona. Esta, que se pretende desenvolver nas páginas a seguir, é o desdobramento de um ciclo finalizado há cerca de seis anos, quando a dissertação “Lembranças revisitadas: o laboratório de história oral da UFSC e as entrevistas de Simão Willemann – memória e história oral em Santa Catarina (1975-2013)” foi defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Sabendo da impossibilidade de esgotar um tema de pesquisa, viram-se ao longo do processo de feitura da dissertação diversos outros tópicos que poderiam e *mereciam* ser melhor explorados.¹ Entre esses tópicos se coloca a oportunidade de examinar um conjunto de entrevistas de história oral enquanto “resíduos de um projeto” por meio de aproximações com o que se chama “crítica do processo”.

A bibliografia atual que abrange o trabalho com fontes orais mostra que essa documentação já é parte constante do cotidiano investigativo de muitas e muitos pesquisadores, não somente da área de História. Com objetivos diversos, essas mulheres e homens lançam mão da história oral como fonte importante para seus problemas de pesquisa e, fazendo um cruzamento com outras tipologias documentais, constroem trabalhos que levam em conta os diversos caminhos e formatos que a memória pode adquirir. Tal questão de difusão fica muito pungente, por exemplo, quando são observadas as diversas publicações acadêmicas nas áreas de História, Educação e estudos interdisciplinares, com especial destaque para a *Revista História Oral*, periódico encabeçado desde 1998 pela Associação Brasileira de História Oral.

Em relação à história da história oral no Brasil, também existe uma farta bibliografia dedicada a traçar os principais caminhos teóricos abraçados ao longo do tempo pelo campo nas suas permanências e “viradas”. Essas diversas reflexões, da mesma forma, fazem menção a algumas iniciativas desenvolvidas desde a década de 1970, como aquelas pioneiras formadas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade de Brasília (UnB) (FERREIRA, 1994, 1996; MEIHY, 1996). Ao menos desde o início da década de 1990, os debates teóricos também são frequentes e trazem em seu bojo tanto a crítica dessas fontes e seus diálogos com a memória, quanto questões éticas e técnicas, como o tratamento das transcrições das entrevistas (SANTHIAGO, 2011). Porém, não são localizadas nessas incursões bibliográficas trabalhos que se lancem a pensar, em especial no momento em que a história oral dava seus primeiros passos no país, as possíveis

relações entre o desenvolvimento de projetos de pesquisa e a maneira como as fontes orais advindas dessas iniciativas se materializaram. Após observar esse cenário, o presente artigo pretende investigar essas relações, observando com “lente de aumento” de que forma uma reunião de prerrogativas metodológicas se traduziu em um trabalho empírico. Em vista disso, a partir do arquivo de um pesquisador e historiador, aqui serão ensaiadas análises acerca do processo de criação e produção de entrevistas de história oral.

Resíduo é tudo aquilo que “resta”, é tudo aquilo que subsiste de algo em vias de desaparecimento. As entrevistas aqui tomadas como objetos de análise são resíduos de uma iniciativa de pesquisa que se desdobrou na década de 1970. Elas foram recolhidas entre os anos de 1977 e 1978 pelo historiador catarinense Simão Willemann,² que naquele momento coletou essas fontes orais com a pretensão de utilizá-las em seu projeto de tese³ de mestrado desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. O acervo que compõe os vestígios dessa empreitada está hoje sob a salvaguarda de Willemann na cidade de Rio Fortuna, local onde reside no interior de Santa Catarina. São ainda cotejadas a essas fontes entrevistas cedidas por Willemann em duas ocasiões diferentes, em 2011 e 2015.

Quanto às aproximações teóricas, o artigo inspira-se em uma fala apresentada em 1996⁴ pela pesquisadora Verena Alberti, a qual levanta uma discussão que tangencia o estatuto das entrevistas de história oral frente a outras tantas fontes. Baseada no historiador alemão Peter Hüttenberger (1938-1992), que sugere uma divisão dos vestígios do passado em duas categorias, os resíduos de ação e os relatos de ação, Alberti aponta nessa fala que uma entrevista de história oral é, simultaneamente, um relato de ações passadas e um resíduo de ações subjacentes à própria entrevista. No conjunto dos resíduos de ação estariam, por exemplo, os documentos de arquivos, vestígios fragmentados de ações passadas. Quanto aos relatos de ação, podem ser mencionados aqueles documentos que fazem menção a ações executadas, concluídas, observadas: cartas, diários, memórias, autobiografias, entre outras.

Segundo Alberti, as entrevistas orais estariam nesse cruzamento, pois apresentam *relatos de ações* passadas, protagonizados sobretudo pelos entrevistados. Ademais, são *resíduos de uma ação* interativa, pois além da comunicação entre os interlocutores, elas registram interpretações do passado efetuadas tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador. Acompanhando essa caracterização proposta por ela, aqui acrescenta-se que as entrevistas podem ser entendidas como *resíduos de ação* de um projeto de pesquisa. Partindo dessa perspectiva, as

próximas linhas propõem ir ainda além das entrevistas de história oral como um “produto finalizado” e fazem um recuo até os processos que tornaram possível a existência dessa documentação. Desta forma, o artigo pretende apontar outros elementos do passado que as entrevistas de história oral podem documentar, os quais levantam questões para pensar os caminhos seguidos pelo campo da história oral no Brasil, por exemplo.

Como ferramentas teórico-metodológicas, são realizadas aproximações à “crítica do processo”, um desdobramento da crítica genética, esta última, *grasso modo*, mais ligada aos estudos literários e, portanto, voltada para a gênese e as transformações sofridas pelo texto ao longo de sua escrita.⁵ Fundamentada em uma perspectiva interdisciplinar, a “crítica do processo”, uma proposta da pesquisadora Cecília Almeida Salles, é um caminho para a compreensão da história das obras de arte com particular atenção ao processo que torna possível a materialização dessas obras.⁶ Desse modo, é importante ressaltar que a autora, a partir de sua proposta, não almeja operar uma ruptura, mas sim ampliar o alcance da crítica genética, construindo um desdobramento dela.

Com objetivo de observar esses processos de criação, Salles realizou ajustes metodológicos e terminológicos à crítica genética, começando pela própria denominação de alguns de seus objetos de análise, como exemplo, a questão do *manuscrito*. Segundo ela, “havia uma dificuldade de se usar o termo *manuscrito* ao lidar com outras manifestações artísticas [que não obras literárias]” (SALLES, 2017, p. 46). A pesquisadora, portanto, buscou outra expressão que pudesse substituir o termo, chegando à concepção de *documentos de processo*, que, de acordo com ela, cumpriria melhor os objetivos da crítica, pois daria maior importância à “função desempenhada pelos registros – necessidade de reter algumas ideias ou ações – e não à sua materialidade. Assim pode-se falar de documentos sob a forma de cadernos, anotações, diários, assim como ensaios teatrais, copiões, esboços” (SALLES, 2017, p. 46).

Já as restrições ao uso do termo *genético*, que Salles também apresenta, se referem aos significados do conceito de gênese que acompanham a crítica genética, e a crença subjacente na existência de uma “origem”. Ao pensar a criação como um processo contínuo, Salles se afasta da ideia de um começo e de um fim absolutos ligados a uma obra.

Ao transmutar esse olhar interdisciplinar para as entrevistas de história oral, almeja-se adotar uma perspectiva crítica de natureza processual a projetos que lançam mão da metodologia da história oral e, por fim, aos “produtos” da

pesquisa: os áudios e entrevistas transcritas. Nessa lógica, pode-se ainda ressaltar que, no caso de Simão Willemann, o “artista” não concluiu sua obra. Portanto, o olhar lançado é direcionado a um projeto “inacabado” e, de certa forma, sempre em processo. As entrevistas orais de Willemann se projetam ainda ao futuro, e estão disponíveis para outras iniciativas de pesquisa, como foi o caso da dissertação mencionada ao início do texto.

Willemann entre prescrições, tendências e o “projeto do artista”

O projeto de pesquisa elaborado em meados da década de 1970 por Simão Willemann, com intuito de alcançar o grau de mestre em História, está localizado espacial e temporalmente nos quadros de inserção de uma “nova técnica” de produção e coleta de fontes úteis à história, mas também de introdução de um Programa de Pós-graduação em História em nível de mestrado no estado de Santa Catarina (SCHÜTZ, 2015). Os materiais produzidos por esse historiador (anteprojeto de pesquisa, projeto de pesquisa, relatórios, agendas, cadernos de anotações e entrevistas), agora abrigados em seu arquivo pessoal, se colocam como evidências relevantes para mapear e problematizar as significações que eram atribuídas à história oral em Santa Catarina e também no Brasil logo após a sua introdução no campo historiográfico nacional. Além disso, os elementos residuais de sua pesquisa são indícios que permitem identificar mudanças, mas também permanências ao longo do desenvolvimento da história oral no país.

Levando-se em conta esse contexto e com o intuito de refletir sobre as tomadas de decisão que no projeto de Simão ficam aparentes – e que posteriormente se materializam nas entrevistas por ele recolhidas –, aqui recorre-se, portanto, a algumas categorias de análise propostas pela “crítica do processo”. Entre essas categorias, emerge a noção de “tendências”, que seriam rumos mais ou menos precisos que orientam o processo de produção, por sua vez, subdivididas em outras duas categorizações: o “projeto do artista” e as “práticas comunicativas”. A primeira dimensão se insere no espaço e no tempo da criação e, portanto, remete à historicidade do próprio projeto, já a segunda se constitui como uma tendência que se projeta para o outro e está inserida nas redes culturais próprias ao processo criativo.

É com base nessas categorias acima descritas, e no entendimento de que o desenvolvimento de produção de um trabalho de tese (ou mesmo, dissertação) é o produto de um processo criativo, que a partir de agora algumas inferências serão elaboradas. Em primeiro lugar, entende-se que para interpretar as tomadas de decisão de Simão Willemann é preciso compreender onde estava inserido o

“projeto do artista”, ou seja, é preciso considerar quais seriam as conjunturas espaciais e temporais que podem ter orientado as suas movimentações rumo ao seu objetivo. Em segundo lugar, entende-se que é necessário mapear quais foram os procedimentos por ele tomados para comunicar aquilo que projetou, pois esses métodos estavam subjacentes a uma “rede cultural” que remetia, por exemplo, ao seu objetivo de defender a tese e obter o grau de mestre, mas também aos pactos estabelecidos com seus entrevistados e com o Laboratório de História Oral da UFSC, no qual ficariam depositadas as entrevistas por ele recolhidas.

Nessa toada, concebe-se que as “tendências” acima mencionadas constroem redes de criação que, tecidas por meio de interconexões, seguem um percurso não linear e não hierárquico. Essas interconexões formam “nós” nos quais estão evidenciados os eixos direcionais da criação e que estão materializados nos documentos analisados. Logo, no que diz respeito ao projeto de pesquisa apresentado por Simão Willemann ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC (PPGH-UFSC), nota-se que suas “tendências” remetem, sobretudo, a uma das perspectivas da história oral desenvolvida nos Estados Unidos no início do século XX e que chegou ao Brasil por intermédio dos primeiros cursos sobre o tema, difundidos pelo CPDOC em meados da década 1970.⁷

Mas quais eram as prerrogativas subjacentes à história oral desenvolvida no Brasil no período acima destacado? Quais eram essas principais “tendências” que guiavam o campo à época? Ao observar as linhas gerais que norteavam os trabalhos dos “especialistas” da área que se encontravam no Brasil à época – dentre eles, James Wilkie e sua esposa Edna Wilkie, Eugenia Meyer, George Browne⁸ e até mesmo os brasileiros Aspásia Camargo e Carlos Humberto Pederneiras Côrrea⁹ –, primeiramente, nota-se uma inclinação pela utilização da história oral como uma técnica responsável pela coleta de depoimentos úteis à história política, sobretudo quando essa historiografia tratava de elites políticas. Isso é demonstrado principalmente nas publicações de James e Edna Wilkie, responsáveis inclusive por propor uma categoria útil ao trabalho com essas fontes: a *elitelore*.¹⁰ A proposta do CPDOC – importante referência do campo naquele momento – desenvolvida nesse período acompanhava em grande medida esse cenário, pois seus projetos iniciais abarcavam o recolhimento de entrevistas com personagens políticos da história republicana brasileira, com vistas a formar um grande acervo de fontes acerca do período (FERREIRA, 1996).

Porém, é importante destacar que, contrastando com essa visão trazida pelo casal Wilkie, havia a perspectiva da historiadora mexicana Eugenia Meyer, a qual foi responsável por muitos trabalhos sobre história oral, bem como historiografia

e história do México. Meyer tinha concepções um pouco diferentes e se associava mais ao trabalho com grupos que estariam “à margem” da história, praticando um olhar que se aproximava das realidades latino-americanas (MEYER, 1991). Em entrevista publicada na Revista Brasileira de História, Meyer fornece alguns indícios para perceber essas inflexões nas perspectivas trazidas por esses primeiros “mentores” dos pesquisadores de história oral brasileiros. Na entrevista, esses dissensos aparecem, por exemplo, no comentário que Meyer faz acerca do curso organizado pelo CPDOC do qual ela fez parte. Em suas ponderações, ela põe em relevo algumas das diferenças entre a sua forma de pensar a história oral e os entendimentos acerca do tema compartilhados pelo casal Wilkie, indicando que, especialmente para James Wilkie, “o conceito de História Oral, de uma maneira bem norte-americana, [era] uma coisa muito utilitária e pragmática” (FERREIRA, 2013, p. 428). Enquanto para ela a história oral era uma oportunidade de escrever uma “história do lado contrário”, uma história não institucionalizada (FERREIRA, 2013, p. 419).

Voltando o olhar para o projeto de Willemann, são percebidas somente referências bibliográficas restritas ao tema de pesquisa escolhido por ele: o desenvolvimento de escolas étnicas no fim do século XIX e início do século XX no estado de Santa Catarina.¹¹ Porém, no relatório que Willemann deveria apresentar para conclusão da disciplina “Metodologia da Pesquisa Histórica”, a qual culminaria na elaboração do projeto de pesquisa, aparecem como referenciais bibliográficos esses pesquisadores ligados aos cursos desenvolvidos no CPDOC acima mencionados. Dentre esses, James e Edna Wilkie, Eugenia Meyer e George P. Browne, o qual, inclusive, teve um papel atuante no estabelecimento do Programa de História Oral da UFSC ao integrar o corpo docente entre os anos de 1974 e 1979. Ainda aparecem, neste mesmo relatório, outras duas referências bibliográficas concernentes à história oral: o livro *Oral History for the Local Historical Society*, de Willa K. Baum; e também o livro *Oral History in the United States*, editado por outro norte-americano, Gary L. Shumway, erroneamente nomeado por Willemann em seu relatório como “Larry” L. Shumway. A presença de George P. Browne é notada também no interior do caderno de anotações de Simão Willemann, no qual foi encontrado o “cartão de visitas” desse professor responsável pela introdução da história oral no PPGH-UFSC.

Observando essas referências, se percebe que estes primeiros estrangeiros que vieram difundir o campo da história oral no território brasileiro se colocavam, de fato, como “tendências” a serem seguidas pelos primeiros historiadores que, no Brasil, lançaram mão da utilização de fontes orais, buscando, além de elaborar

trabalhos acadêmicos, constituir acervos que fomentariam a historiografia no futuro. Nesse contexto, a influência de uma das vertentes da história oral produzida nos Estados Unidos é bem significativa. Entretanto, a presença da mexicana Eugenia Meyer lança luz a outra perspectiva que aparecia na construção de uma história oral “à brasileira”. Acerca desse debate, Carlos Humberto Corrêa, em seu manual lançado em 1978, afirmava:

A experiência que temos tido no emprego desta técnica em quase quatro anos, experiência pessoal e através da ministração de cursos específicos, fez-nos observar que nem toda a técnica empregada pelos estrangeiros pode ser usada aqui, tornando-se necessário então o levantamento de novas teorias acerca da História Oral que poderão proporcionar [...] a adaptação técnica de algumas soluções a fim de que se possa extrair documentos válidos para a historiografia nacional, de acordo com a realidade brasileira. (CORRÊA, 1978, p. 11).

Nas páginas subsequentes a essa afirmação, Corrêa não deixa explícitas quais as adaptações que foram ou precisariam ser feitas, mas a partir do que ele traz parece transparecer que essa adaptação da teoria estrangeira se daria por meio das temáticas a serem abordadas, focadas nas especificidades da História do Brasil e sobretudo da História de Santa Catarina e seus processos políticos, educacionais e migratórios nem sempre ligados a uma “elite” política ou letrada. Nesse cenário, a pesquisa empreendida por Simão Willemann aparenta se encaixar dentro dessa “necessidade de adaptação” à realidade brasileira. A maioria de seus entrevistados não remetia a uma “elite política”, mas sim à população rural, identificada com o trabalho e a vida numa região agricultora e pecuarista. Dentre os entrevistados por Simão, somente três podem ser considerados como pertencentes a uma “elite letrada”, pois foram escolhidos por Willemann devido à função de professores; no entanto, o restante, ou seja, onze depoentes, apenas mantiveram contato com estes espaços como alunos, exercendo ao longo da vida a profissão de agricultores. Porém, percebe-se que a aproximação de Willemann com esta comunidade não estava ligada à tentativa de realizar uma história engajada politicamente, que desejava através de seu trabalho realizar uma transformação social. Seu trabalho se encaixaria em um tipo de “fazer história oral” que usa os depoimentos como uma ferramenta para preencher os hiatos deixados por outras fontes. Como coloca Ferreira (2002, p. 327), essa visão dirige-se “tanto para os estudos das elites, das políticas públicas implementadas pelo Estado, como para a recuperação da trajetória dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias”.

Ainda segundo Ferreira (2002), essa abordagem é um contraponto a uma perspectiva que se identifica com o desenvolvimento da História Cultural e está atenta ao estudo das representações, existentes tanto no discurso presente nas entrevistas orais quanto nas narrativas históricas que tomam estas entrevistas enquanto objetos de problematização. Essa última maneira de significar a história se estabelece, sobretudo, a partir das transformações que marcaram o debate historiográfico das últimas quatro décadas, e está fortemente vinculada ao abandono da “crença na capacidade da história de produzir um conhecimento inteiramente objetivo e recuperar a totalidade do passado” (FERREIRA, 2002, p. 314), uma discussão que ganhará relevo em período posterior à empreitada de Simão Willemann e de outros pós-graduandos da UFSC.

Fazendo um retorno ao projeto de pesquisa de Willemann, identificou-se que a referência direta à história oral se encontra no item denominado “Técnicas” e, curiosamente, não no item “Fontes”. Assim afirmava Willemann acerca da utilização dessas fontes orais:

Sendo que o assunto do tema permite a utilização da história oral, tem-se como outro objetivo aproveitar as técnicas de entrevista, procurando abordar pessoas que foram alunos das referidas escolas, professores que nelas lecionaram, ou ainda outras pessoas que por ventura tenham condições de dar mais esclarecimentos.

Juntamente à utilização de métodos paleográficos e quantitativos, a história oral despontava para esse pesquisador como uma ferramenta na busca por esses “esclarecimentos” e principalmente como uma maneira de ampliar o seu arcabouço documental e, assim, o conjunto de informações sobre o seu objeto de estudo. Essa concepção, não coincidentemente, desponta também no manual de Corrêa, quando este afirma que a história oral consistia “de entrevistas devidamente guiadas pelo historiador, através das quais podemos fazer com que o entrevistado explique determinados pontos ou relate fatos que a falta de outro material documental deixou obscuro” (CORRÊA, 1978, p. 13).

As fontes orais, portanto, se mostraram fundantes para que Simão pudesse prosseguir com sua pesquisa, mas não porque forneceriam diferentes perspectivas da história que ele desejava contar, e sim porque, para ele, poucas eram as opções. Quando essa questão é trazida para a contemporaneidade, se percebe que a concepção dos historiadores orais mudou em relação a esses aspectos. Como exemplos dessas mudanças de perspectiva, temos os debates referentes aos afastamentos e aproximações entre a memória e a história, discussões que

passam longe daquelas abordadas por Willemann em seu trabalho. Talvez seja essa a principal diferença que separa o trabalho dele como pesquisador que utiliza história oral dos trabalhos desenvolvidos após este período no Brasil, sobretudo a partir da década de 1990.

No cenário do final da década de 1980 e início da década de 1990, por exemplo, são trazidas para o debate historiográfico brasileiro as noções de memória individual e coletiva, com destaque para as propostas de Michael Pollack (1989; 1992) e Maurice Halbwachs (1990), mais tarde também desenvolvidas pelo filósofo Paul Ricoeur (2007).¹² Vem fazer parte do arcabouço teórico dos historiadores também o conceito de *lieux de mémoire* desenvolvido por Pierre Nora (1993), trabalho que pode ser considerado um importante catalizador – mesmo com suas imprecisões e tendo seu uso, certas vezes, “banalizado” (GONÇALVES, 2012) – da discussão que abrange as relações entre memória e história, não construindo entre elas fronteiras rígidas, mas mostrando o intrincado jogo que as entrecruza e assim problematizando os usos e abusos da memória protagonizados no século XX.¹³

No campo específico da história oral, pode se dar destaque às obras e textos de Paul Thompson e Alessandro Portelli, originalmente produzidos nas décadas de 1970 e 1980, mas traduzidos para o português somente na década de 1990. Observando esta condição, é importante destacar, como coloca Santhiago (2011), que os ecos de uma cultura intelectual e uma cultura editorial no país influenciaram a maior difusão de alguns autores em detrimento de outros. Em geral, os grupos responsáveis pela tradução, editoração e iniciativas de divulgação desses trabalhos estrangeiros selecionavam aqueles autores que eram de seu maior interesse. Essas traduções, portanto, visavam uma maior divulgação dentro de seus próprios grupos, dando acesso ao pensamento desses autores estrangeiros para aqueles que não tinham familiaridade com o idioma original da obra.¹⁴

Esse *boom* da memória ocorrido ao longo da década de 1990 marca a emergência – nacional e internacionalmente – de um interesse renovado pela História. O debate sobre a memória, não limitado ao espaço acadêmico, adentrou a nossa cultura e adquiriu um valor considerável dentro dela. Nesse contexto, a preocupação dos que se propõem a trabalhar com as fontes orais não está ligada somente às informações factuais presentes nesses depoimentos, mas também à forma como a memória se constitui e é externalizada. Portanto, essas discussões reverberaram na maneira como passaram a ser significadas as fontes orais, pois elas tornaram possível a aceitação desses testemunhos a partir da neutralização das principais críticas atribuídas à história oral, quais sejam: sua subjetividade candente

e as “distorções” da memória. No momento acima descrito, essas deficiências se tornaram, pelo contrário, trunfos da história oral em relação a outras fontes (FERREIRA, 2002).

Como se viu, para Willemann, a utilização de fontes orais não parece ter sido uma escolha deliberada, ou seja, pautada nas possibilidades que a história poderia lhe oferecer, mas uma opção que surgiu pela necessidade, o que, por sua vez, aponta para as “tendências” atreladas à historicidade de seu projeto e para as metodologias e estratégias que estavam disponíveis para ele naquele momento. A seguir, o documento de seu acervo intitulado “Reformulação do plano de trabalho da tese sobre A Educação Alemã no Vale do Braço do Norte” apresentou as justificativas de Willemann para a escolha por essas fontes orais:

Dada a quase inexistência de bibliografia que verse diretamente sobre o assunto da tese, estamos encontrando sérias dificuldade para coletar os dados necessários, que possibilitem definir concretamente os limites dos vários aspectos do tema a serem abordados. Os principais dados até agora coletados foram conseguidos através de entrevistas com professores ou alunos que frequentaram as referidas escolas. Mesmo as informações conseguidas através desta técnica de História Oral, quase sempre estão se repetindo, e ainda não oferecem condições para uma análise de maior profundidade. Além do mais as pessoas entrevistadas nasceram nos primeiros anos do século presente, não tendo, na maioria, condições de dar informações sobre as últimas décadas do século passado. Entretanto, apesar das dificuldades que estão aparecendo, não haveremos de esmorecer, muito menos desanimar. Muitas entrevistas ainda pretendemos fazer, pois contamos com uma relação de nomes de pessoas que possivelmente poderão nos ajudar com novas e importantes informações. Talvez tenhamos que reformular também o período a ser abrangido pelo nosso trabalho, uma vez que as informações que estamos conseguindo se referem a épocas posteriores ao período previsto no pré-projeto.

Por meio do trecho acima, é possível inferir que a “busca por informações” é algo crucial para esse historiador. A ausência de fontes das quais poderia lançar mão fez com que ele tivesse que reformular o seu projeto inicial, que primeiramente abrangia o período compreendido entre as décadas 1870 e 1930 e que, por fim, compreendeu um período menor, entre o início do século XX e a década de 1940. Não surpreendentemente, esse último recorte coincidia com as vivências relatadas por aqueles que cederam depoimentos a Willemann. Assim sendo, o

escopo do projeto foi tomando o seu formato sobretudo por meio do contato desse pesquisador com as fontes orais.

Além da procura por evidências históricas – nas palavras dele entendidas como “informações” –, no trecho acima pôde ser percebida outra questão, que mais uma vez expõe algumas das modificações vividas pela história oral desde a época de Willemann até a contemporaneidade. Quando afirma que as informações dadas pelos entrevistados se repetiam, o que acabava por não lhe permitir “uma análise de maior profundidade”, Willemann mais uma vez remete a uma problemática que perpassa o trabalho dos pesquisadores que lançam mão das fontes orais: os indícios úteis ao historiador não se encontram somente nos dados ou informações revelados pelos depoentes, mas nas significações que essas lembranças carregam, trazendo consigo novos prismas para observarmos as diferentes maneiras como o passado chega até o nosso presente. Para um observador atual, as informações que se repetiam, ao invés de uma dificuldade, poderiam ser vistas como trunfo, como um indício de práticas passadas (ou até mesmo recentes) que poderiam ser problematizadas.

Os resíduos: práticas comunicativas e as entrevistas orais

Com base naquilo que foi exposto anteriormente, notou-se a existência de uma ligação marcante entre a necessidade de informações e o emprego da história oral por parte de Willemann. Como se verá a seguir, quando aproximamos o projeto de pesquisa e as entrevistas por ele realizadas, nota-se que essa necessidade reverberou na forma pela qual as próprias entrevistas foram conduzidas. O historiador não parecia estar em busca das visões ou impressões de seus entrevistados sobre o tema por ele escolhido, mas sim, de recolher informações bem pontuais acerca do estabelecimento e desenvolvimento das escolas étnicas, seu objeto de análise. Logo, com o intuito de reunir todos esses dados, Willemann definiu metodologias e algumas estratégias, e estas, como se sabe, envolviam a lida com a “técnica” da história oral.

O primeiro passo dado por ele, claro, tratou de uma sondagem daquelas que poderiam ser suas testemunhas. Sobre esse tema, o arquivo de Willemann fornece alguns indícios sobre o trabalho de campo e de coleta dos depoimentos. Consultando suas anotações e analisando as breves entrevistas por ele cedidas – a primeira em 2012 e a outra em 2015 –, nota-se que Willemann delineou com clareza seus “entrevistados-alvo”. Na lista denominada “Pessoas que podem interessar – Entrevista”, presente em seu caderno de anotações (uma agenda escolar que dá pistas também sobre a sua vivência como professor e diretor de

escola), estão escritos os nomes de todos os seus entrevistados, bem como de outros personagens que não teriam sido encontrados ou teriam falecido antes de essa possível entrevista ser concretizada.

Cruzando essas anotações e as entrevistas presentes no acervo pessoal desse historiador, são contabilizados treze depoimentos em potencial que não foram concretizados. Apesar desses contratempos, ainda pensando sobre a vivência do trabalho de campo, Willemann, ao dar seu depoimento, pareceu não associar esse momento a um período de grandes dificuldades. Para ele, o entendimento de que suas entrevistas teriam uma importância para a posteridade fazia a diferença no prosseguimento de seus trabalhos de pesquisa e no relacionamento estabelecido com seus interlocutores. Sendo assim, mesmo que todos os seus objetivos não tenham sido alcançados, na sua visão, aquilo que ele havia conseguido realizar já era uma contribuição importante para a preservação da história que ele desejava contar.

De fato, na fala de alguns entrevistados e na própria fala de Simão Willemann é perceptível um sentimento de orgulho por estar realizando algo que “ajudaria na preservação” do passado. À propósito, essa característica voltada à valorização da memória desponta também no manual de história oral de Carlos Humberto Corrêa, encontrado no acervo de Simão. Logo ao início da obra, quando justifica a utilização da história oral por parte de historiadores, Corrêa discorre sobre a influência do desenvolvimento tecnológico comunicacional nos hábitos cotidianos de homens e mulheres e sobre como essa movimentação somada “à falta de tempo do homem moderno” se desdobrou no progressivo desaparecimento da “documentação escrita tradicional” (CORRÊA, 1978, p. 14). Sendo assim, segundo ele

Cabe[ria] à História Oral preencher essa lacuna. Cabe[ria] ao historiador oral obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de memórias, se não forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente, pois, no nosso caso brasileiro, ou mesmo latino-americano, o homem não é dado a escrever suas próprias memórias (CORRÊA, 1978, p. 15).

Essa valorização dos depoimentos orais manifesta-se mais uma vez, mesmo que sutilmente, no início da entrevista cedida por Willemann no ano de 2015, quando ele confere ao seu próprio percurso como pesquisador que utilizou a história oral uma aura de importância:

Bem, é um prazer estar sendo entrevistado sobre um assunto muito importante... que na época que eu fiz a pós-graduação, eu me interessei nesse aspecto via história oral porque a colonização alemã aqui na região... as principais preocupações eram a educação das crianças, dos filhos e tanto assim que eles construíram várias escolas isoladas pelo interior. [...] Então eu achei que seria interessante pesquisar alguma coisa a respeito desse assunto. (WILLEMANN, 2015).

Como colocado anteriormente, essa relevância dada por ele à história oral parece estar associada a um sentimento de salvar um passado que estaria sendo pouco a pouco esquecido. Nesse cenário, Simão Willemann se coloca como um “coletor de memórias” que estão a um passo de estarem perdidas, portanto, suas atitudes não tratam somente de supostas estratégias para o convencimento de depoentes em potencial – a partir, por exemplo, da atribuição da ideia de que estes homens seriam porta-vozes desse passado em vias de extinção. Aliás, essa particularidade, subjacente à relação entre o entrevistador, o entrevistado e a possibilidade de realização da entrevista também é tema que emerge nas entrevistas:

Simão Willemann: Está *ok*, senhor Turíbio. Agora, antes de terminarmos a nossa entrevista, eu gostaria assim de perguntar ao senhor se tem alguma declaração, alguma coisa a acrescentar nessa entrevista, que talvez eu não tenha perguntado e que o senhor tenha interesse que seja registrado.

Turíbio Schmidt:¹⁵ Tenho, prezado companheiro Simão. Quando você me falou noutro dia para fazer essa entrevista eu logo apreciei por ser um caso tão importante assim, essa entrevista. Mas não tenho mais nada a acrescentar. Acho bastante liquidado o nosso assunto, e penso eu que, mais ou menos no caso, completo a respeito das escolas alemãs que eu convivi, e de mais, não tenho mais nada a acrescentar.

Simão Willemann: Está *ok*. Agora, ainda uma coisa que eu gostaria que ficasse registrado e a gente está gravando e vai transcrever essas informações todas. Então, essas informações que o senhor nos deu que são muito importantes, se elas poderão no futuro ser escutada a gravação e lida a transcrição por pessoas interessadas no assunto e que visem estudar esse assunto? (...) (SCHMIDT, 1978).

Segundo esse trecho e passagens da entrevista cedida por Willemann anteriormente analisadas, nota-se que as possíveis “barreiras” entre os interlocutores selecionados por Willemann e ele próprio se diluíam no destaque conferido à fonte oral, a qual seria um instrumento que salvaguardaria uma história que se perdia.

Porém, a despeito de ter uma facilidade no trato com seus entrevistados e de compartilhar com eles um sentimento de valorização destes depoimentos, havia em relação aos aspectos práticos do desenvolvimento da pesquisa algumas dificuldades que se apresentavam para Simão Willemann (mesmo que nas entrevistas por ele cedidas em período posterior essa temática não apareça com tanta força). Durante o trabalho de campo, o percurso até Willemann encontrar suas testemunhas podia ser longo, conforme ele descreve:

Karla S. W. Schütz: O senhor tinha o gravador?

Simão Willemann: Tinha.

Karla S. W. Schütz: Aí era mais fácil, e eram muito caras essas fitas? Era estranho? Essas pessoas estranhavam quando o senhor chegava com o gravador?

Simão Willemann: Não, a maioria eram conhecidos e eu conseguia logo fazer eles entenderem a importância. E que era inclusive bom pra eles fazer uma entrevista pra gravar uma coisa que estava se perdendo.

Karla S. W. Schütz: Ah sim! Então era fácil. E durante as aulas da pós-graduação, do mestrado, como que era a rotina, de ir e voltar pra Florianópolis?

Simão Willemann: Ah era complicado. Porque pra fazer esse trabalho todo eu viajei bastante, porque fui procurar as pessoas aonde eles ainda moravam né? Tanto assim que aqui na região eu fiz uma porção de entrevistas, e até algumas no Paraná de gente que é daqui e saiu para o Paraná, pra morar lá. E daí então eu fiz algumas lá no Paraná ou onde elas estivessem. (WILLEMANN, 2012).

Como se vê nesse trecho, entre esses entraves estava a necessidade de percorrer grandes distâncias com o intuito de levantar o maior número possível de informações e dados, naquele momento, passíveis de serem encontrados somente via fonte oral.

Ainda em relação aos aspectos metodológicos abraçados por Willemann, foi encontrado em meio à documentação referente ao projeto um roteiro de entrevistas. Nesse roteiro emergem algumas características que corroboram novamente a ideia de que Simão tinha, ao utilizar a história oral, uma esperança em reunir fontes para sua “tese” que não conseguia encontrar em outros lugares. Esse roteiro de entrevistas está dividido em cinco itens: “Dados de identificação da entrevista”, “Identificação do entrevistado”, “Questionamento da hipótese da tese”, “Outras possíveis fontes de informações” e “Fechamento da entrevista”. Os dois primeiros e o último item apontam para questões de certa forma implícitas na metodologia da história oral, pois remetem à organização e catalogação das entrevistas (“Dados de identificação da entrevista” e “Fechamento da entrevista”), bem como para a criação de um ambiente favorável de diálogo entre os interlocutores, caso do item “Identificação do entrevistado”, no qual estava expresso o interesse por aspectos biográficos do depoente, pois direcionava a eles perguntas sobre a sua infância, juventude e vida adulta.

Quanto aos itens “Questionamento da hipótese da tese” e “Outras possíveis fontes de informações”, perceberam-se com maior nitidez elementos próprios ao interesse de pesquisa de Willemann e como ele pretendia abordá-los junto aos entrevistados. O primeiro item era, claro, uma reverberação do escopo da pesquisa, da “hipótese” criada por Simão, e tentava esquadrihar detalhes do cotidiano escolar, indo de características físicas dos espaços escolares, como a sua localização e seu tipo de construção, até aspectos culturais, como a alimentação, o vestuário, os esportes e a religião. Pode-se dizer que a construção do roteiro de Willemann não foge daquilo que hoje organizam os pesquisadores em história oral, que também cuidam dos aspectos mais “burocráticos” da entrevista com a sua indexação e dos interesses temáticos presentes nas perguntas a serem dirigidas a suas testemunhas. Porém, quando se olha com mais vagar para os subitens dessa seção, percebe-se que Willemann tinha interesses muito pontuais, que poderiam perder “precisão” face às armadilhas da memória. Esse é o caso de perguntas que interrogavam sobre a origem do material utilizado nas escolas, qual era o tempo de duração das aulas, qual o número de alunos que havia em sala de aula. Como se vê, esses questionamentos buscavam dados quantitativos, que, devido à ausência de outras fontes históricas, impeliam Simão a sondá-los na memória de seus depoentes, que poderiam, sim, responder essas indagações, mas sempre baseados nas suas lembranças.

Isto posto, é válido assinalar que os depoimentos orais são constituídos por memórias e diferentes narrativas sobre o passado, as quais portam seleções,

esquecimentos e representações particulares acerca deste mesmo passado. “Embora não possam ser tomados como relatos ‘verdadeiros’ e ‘objetivos’ sobre os fatos narrados, representam um rico material e trazem informações pouco encontradas em outras fontes” (FERREIRA, 2013, p. 154). Além disso, as entrevistas de história oral podem ser um ponto de partida para a busca e localização de outros vestígios. No caso de Simão, a perspectiva trazida por Ferreira (2013) era “ignorada” e sua busca, em função de uma certa “inocência” em relação às especificidades desses indícios, se direcionava para uma “objetividade” que as fontes orais não conseguiriam lhe fornecer.

Nesse cenário, é notável, ao longo destes depoimentos, uma certa ansiedade de Willemann na busca por mais dados e referências sobre o tema que desejava estudar (ou, quem sabe, um certo receio de não “fugir” do roteiro preestabelecido), caso do excerto que segue:

Simão Willemann: Lá na roça?

Guilherme Daufenbach¹⁶: Na roça. Ao meio-dia nós voltava em casa. Primeiro rezar na mesa tudo reunido. Depois comia... feijão... Então nós usava muito este... este angu, aquilo que nós dizia “pap”.

Simão Willemann: Certo.

Guilherme Daufenbach: Então levamos um apelido em que os de cima diziam assim de “pap friedes”, eles diziam pra nós.

Simão Willemann: Está muito bem, senhor Guilherme...

Guilherme Daufenbach: Bem, eu vou até terminar o negócio.

Simão Willemann: Certo. (DAUFENBACH, 1978).

Observa-se que no meio do diálogo Willemann tenta interromper Daufenbach, que discorria sobre o seu cotidiano doméstico junto à família, assunto que não parecia interessar ao trabalho do historiador, que desejava pesquisar sobre vivências escolares. Provavelmente, Simão Willemann tentava com essa interrupção direcionar o entrevistado para o tema principal da pesquisa. Infelizmente, para ele, a investida não surte efeito e o depoente afirma o desejo de continuar falando sobre o mesmo assunto.

Além da forte ligação entre ele e seu objeto de estudo, o domínio e a informação sobre a temática que tinha Willemann parecem tê-lo feito também induzir seus entrevistados a responder o que ele queria ouvir:

Simão Willemann: Muito bem, senhor Roberto, diante das experiências que a gente percebe que o senhor tem, numa vida já bastante longa, e em que a gente percebe que o senhor tem assim possibilidades e muitos conhecimentos, vamos agora entrar diretamente no assunto que de perto nos interessa no momento, que é justamente o senhor nos informar, nos dar algumas informações, sobre, em épocas passadas, principalmente quando o senhor frequentava a escola, é justamente a educação alemã nessa região. Isto é, quando durante a colonização, nós sabemos que existiram aqui várias escolas, e que essas escolas, na sua maioria, eram talvez particulares, e que existiram por iniciativa da própria colonização aqui existente. Senhor Roberto, o senhor poderia nos informar, ou o senhor saberia dizer, além dessas escolas que o senhor frequentou, que já foram citadas, existiram nessa região ainda outras escolas alemãs, digamos assim?

Roberto João Tenfen¹⁷: Existiram sim. (TENFEN, 1978).

Evidenciando o quanto o historiador, por vezes, tentava incitar certas respostas, Willemann declara já ao longo da pergunta as informações que ele deseja receber do seu interlocutor, que responde de maneira apenas a confirmar tudo o que havia sido dito anteriormente.

Ao analisar esse trecho e percebendo a “interferência” do historiador – quando interrompe seu entrevistado buscando trazer a conversa de volta ao seu tema de interesse, por exemplo –, podem-se trazer outra vez à tona as perspectivas da história oral abraçadas por Simão, as quais, por sua vez, remetem ao manual de Corrêa editado pela UFSC. No referido livro, a história oral é entendida

como técnica subsidiária às outras técnicas de pesquisa nas demais fontes e toda informação extraída através dela deve ser virgem pelo fato de ainda não ter sido escrita (e, portanto, transformada em documento tradicional), ou deve servir para reafirmar o material escrito. (CORRÊA, 1978, p. 25).

Por meio de suas interferências, Willemann reforçava as informações a que já tinha acesso (como sugere a própria citação acima). Nesses movimentos, portanto, ele evidenciava as recomendações teórico-metodológicas por ele

recebidas e que deveriam ser colocadas em prática para que suas fontes pudessem ser fontes “válidas” para um trabalho historiográfico naquele momento e local. Em contrapartida, ao “guiar” seus entrevistados em direção àquilo que desejava ouvir, ele entrava em conflito com aquilo mesmo que pontuava o manual que supostamente seguia, e que aconselhava: “Não se deve interromper as respostas, por mais longas que elas sejam e mesmo que se desviem do assunto. Cada resposta longa dá oportunidade de um número considerável de outras perguntas [...]” (CORRÊA, 1978, p. 45).

Nesse quadro, é importante pontuar que a análise aqui apresentada não pretende avaliar o trabalho desses primeiros pesquisadores de modo depreciativo, pelo contrário, aqui deseja-se compreender essas “tendências” e práticas na sua historicidade. Assim sendo, elas devem ser entendidas como elementos pertencentes a um campo ainda em desenvolvimento prematuro, como era o caso da história oral naquele momento. Nesse panorama, pode-se perceber que até mesmo a produção de uma transcrição deveria ser objeto de um cuidado que hoje poderia ser considerado “exagerado”, e a opção pela correspondência direta entre o discurso oral e o escrito remetia a uma necessidade de afirmação do campo, quando se leva em conta que uma das críticas direcionadas às fontes orais atrelava-se ao seu caráter “provocado”, que nascia da intenção do próprio pesquisador.

Como afirma Corrêa (1978), a principal característica que diferenciava a fonte oral de outras fontes “tradicionalmente reconhecidas” era a sua “intencionalidade”, pois era propositalmente fabricada pelo pesquisador com este fim: ser uma fonte para a historiografia. Era por conta dessa intencionalidade que ele mantinha a posição de que somente historiadores profissionais (em especial, ligados à pós-graduação) estavam aptos a utilizá-la, condição que era justificada “desde que objetiv[asse] tão somente a verdade científica da História, já tão discutida e controvertida durante séculos (CORRÊA, 1978, p. 81). Dessa forma, quanto menos “interferências” essa fonte sofresse – mesmo que fosse via transcrição –, mais “objetividade científica” e credibilidade perante seus críticos ela ganharia.

Essas perspectivas voltadas ao *status* da fonte oral naquele momento e aos pressupostos metodológicos abraçados por Simão colocam novamente em pauta o debate da história oral como uma ferramenta “necessária”, e esse debate, por sua vez, reverbera na maneira como Willemann buscou significar as suas fontes. Essa ânsia do investigador parecia ser eco também das recomendações sobre o acesso à documentação que seria utilizada na pesquisa – de certa forma, um pouco óbvias, afinal não é possível realizar uma pesquisa historiográfica sem fontes

–, expressas em documento de autoria do PPGH-UFSC também encontrado no acervo de Willemann. Acompanhando as “tendências” seguidas por esse historiador, o documento intitulado “Orientação para elaboração de projeto para tese” alinhava as principais orientações que guiavam a produção acadêmica do PPGH-UFSC, e parece dar pistas sobre os caminhos seguidos por Simão.

Consta nessas orientações a indicação de que os discentes, a fim de obter o grau de mestre, tinham que elaborar uma tese no prazo de quatro anos, tempo que começava a contar a partir de sua matrícula. No documento é ressaltada a necessidade de escolha de um tema de pesquisa logo após a matrícula no curso de pós-graduação e de um cuidado especial com a localização de fontes relacionadas às temáticas escolhidas. Acompanhando essas sugestões, eram encorajados trabalhos que tratassem da História do Brasil, em especial, História de Santa Catarina, também com a justificativa de uma maior facilidade em encontrar documentação que pudesse servir como fonte. Diante desses sinais, fazendo uma comparação entre o anteprojeto apresentado por Simão para a disciplina “Metodologia da Pesquisa Histórica I”, datado de 25 de junho de 1976, e o último projeto por ele entregue, datado de 28 de março de 1977, percebe-se a inclusão das fontes orais entre a documentação a ser consultada, além de anotações bibliográficas que indicam a procura por nova documentação. Essas movimentações indicam, portanto, um pouco dos caminhos trilhados por ele para driblar a ausência de indícios que afetava seu percurso de pesquisa.

Todas essas evidências colocavam Willemann em uma encruzilhada. Entre o que lhe era prescrito e seus movimentos como pesquisador, havia demandas e questões práticas, como por exemplo aquelas relacionadas aos prazos para a realização da pesquisa e a defesa de tese. O acesso às informações de que necessitava eram, portanto, uma urgência. Havia também exigências atreladas à sua profissão, já que seguia trabalhando concomitantemente à elaboração desse projeto. Inclusive, essa última questão foi a principal razão que o levou a deixar seu trabalho de tese inconcluso. Impossibilitado de administrar todas essas demandas, Willemann viu o prazo para a defesa de tese chegar ao fim e, depois dessa frustração, não mais voltou a trabalhar no projeto.

Voltando o olhar para as práticas comunicativas de Willemann, ou seja, para as condutas que tornariam públicas essas fontes para consulta, são percebidos outros pontos de discussão que se relacionam às redes culturais (intelectuais) nas quais ele estava inserido – vinculadas sobretudo ao PPGH-UFSC – e também aos seus movimentos mais “autorais”. Ao se tomar contato, por exemplo, com a transcrição e a gravação das entrevistas por ele recolhidas, é interessante notar

que, como transcritor, ele não cumpriu rigorosamente a exigência de “literalidade” presente no manual de Carlos Humberto Corrêa, obra que supostamente teria reunido as principais linhas metodológicas seguidas pelo PPGH-UFSC. Na maioria das entrevistas, poucas frases são gramaticalmente corrigidas, principalmente na questão da concordância verbal e nominal; porém, percebe-se que as hesitações e reiteraões características da fala são em grande parte suprimidas, sobretudo nas entrevistas que foram realizadas com entrevistados que foram professores, e que, portanto, faziam parte de uma “elite letrada”.

Essa percepção de que as entrevistas com docentes tenham recebido um maior cuidado por parte de Simão parece direcionar para dois temas que se referem, mais uma vez, às tendências e redes culturais nas quais Simão estava envolvido. Nessa toada, pode-se afirmar que tais redes tinham seus protocolos explícitos (materializados, por exemplo, nas diretrizes do PPGH-UFSC que os alunos deveriam seguir para estarem aptos a defender suas teses ou para terem suas entrevistas depositadas no Laboratório de História Oral da UFSC) e implícitos (o “pacto” de confiança que cada entrevistador estabelece com seu entrevistado, o qual se liga, por exemplo, à responsabilidade com as informações reveladas na entrevista e como se dá sua divulgação no espaço público). Para Simão, essas tendências sinalizavam tanto para temas como a negociação que era estabelecida entre os interlocutores (qual transcrição poderia ser apresentada e aceita por estes senhores? Qual maneira de transcrever seria mais “conveniente?”) quanto para a leitura e o uso de Willemann das recomendações apontadas no manual de Corrêa – e que apontavam constantemente para as prerrogativas do Programa no qual ele estava inserido.

Considerações finais

Lamentavelmente, no caso aqui examinado, não foi possível analisar a “obra” finalizada, ou seja, a tese que Simão Willemann pretendia defender junto ao PPGH-UFSC, o que provavelmente traria novos pontos de discussão à tona. Entretanto, não se pode negar que os indícios deixados por sua pesquisa se colocam como objetos importantes para pontuar algumas mudanças nas perspectivas e possibilidades que se abriam aos pesquisadores de ontem, como Willemann. Mudanças advindas de uma nova maneira de pensar as fontes orais como uma evidência histórica. Vale lembrar, ainda, que foi a partir da crítica sofrida por estes primeiros historiadores orais – que se estabeleceram na UFSC e em outras instituições no Brasil –, juntamente com a transformação do campo da História em geral, que modificações na própria metodologia da história oral foram fomentadas.

Enfim, nessa “crítica do processo”, o presente artigo pretendeu investigar e levantar questionamentos acerca das maneiras pelas quais uma reunião de recomendações e prerrogativas metodológicas pôde se manifestar em um trabalho empírico acerca de depoimentos orais e suas memórias. Ao longo desse caminho de análise, notou-se que o “projeto do artista” Simão Willemann e as suas entrevistas de história oral se orientaram pela necessidade que o PPGH-UFSC tinha de promover a história oral, mas principalmente pela própria urgência de Simão em ter fontes para o seu trabalho. Essa busca constante, que não se deu de maneira linear, mas a partir do que estava ao seu alcance, atravessou seu projeto e reverberou até mesmo na maneira como suas entrevistas foram conduzidas e se materializaram. Ademais, seguindo pelas trilhas percorridas por ele, puderam ser percebidas diversas rupturas e permanências em um campo que hoje pode se considerar estabelecido, mas que – não se pode perder de vista – tem sua própria historicidade.

Referências:

- BOIE, Bernhild. A escrita e a obra. In: MIRANDA, Wander; SOUZA, Eneida. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CORRÊA, Carlos Humberto P. **História Oral: teoria e técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: FINEP/Diadorim, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1996, p. 11-21.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, jul./dez. 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Entrevista de Eugenia Meyer a Marieta de Moraes de Ferreira. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, n. 65, 2013. p. 413-431.
- GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo Presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiæ**, Rio Grande, v. 3, n. 3, 2012, p. 27-46.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista da História**, São Paulo, v. 2, n. 155, p. 191-203, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2850/285022045011.pdf> Acesso em: 8 mar. 2021.
- MEYER, Eugenia. Recuperando, recordando, denunciando, custodiando la memoria del pasado puesto al día. *Historia Oral en Latinoamérica y el Caribe*. In: MEYER, Eugenia. **Historia y fuente oral**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1991, p.139-144.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PEREIRA, Ligia Maria Leite. Trajetórias e desafios no percurso da história oral brasileira. In: MAGALHÃES, Valeria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo. **Depois da utopia: a história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz, 2013. p. 113-122.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 2, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, v. 5, p. 200-212, 1992.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SALLES, Cecilia Almeida. Da crítica genética à crítica de processo: uma linha de pesquisa em expansão. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2, n. 20, p. 41-52, ago. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/27384/21315>. Acesso em: 8 mar. 2021.
- SANTHIAGO, Ricardo. If you know portuguese you know what this is: o papel da tradução na história oral do Brasil. In: MAGALHÃES, Valeria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo. **Memória e diálogo**:

escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral. São Paulo: Letra e voz, 2011. p. 137-152.
SCHÜTZ, Karla Simone Willemann.
Lembranças revisitadas: o laboratório de história oral da UFSC e as entrevistas de Simão Willemann: memória e história oral em Santa Catarina (1975-2013). 2015. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Entrevistas:

DAUFENBACH, Guilherme. Guilherme Daunfebach: depoimento [27 mai. 1978]. Entrevistador: Simão Willemann. São Ludgero, 1978.

SCHMIDT, Turíbio. Turíbio Schmidt: depoimento [13 jan. 1978]. Entrevistador: Simão Willemann. Braço do Norte, 1978.

TENFEN, Roberto João. Roberto João Tenfen: depoimento [24 jan. 1978]. Entrevistador: Simão Willemann. Rio Fortuna, 1978.

WILLEMANN, Simão. Simão Willemann: depoimento [3 abr. 2012]. Entrevistadora: Karla Simone Willemann Schütz. Laguna, 2012.

WILLEMANN, Simão. Simão Willemann: depoimento [23 jan. 2015]. Entrevistador: Karla Simone Willemann Schütz. Rio Fortuna, 2015.

Notas de fim

- ¹ Não poderia deixar de fazer um agradecimento ao pesquisador Ricardo Santhiago, que, como membro da banca de defesa da referida dissertação, fez diversas provocações e sugeriu outros olhares para um trabalho que se finalizava. Uma dessas “provocações” foi o ponto inicial da reflexão que se desdobra neste trabalho.
- ² Simão Willemann é natural da cidade de Rio Fortuna, interior de Santa Catarina, uma região onde a colonização alemã foi predominante – característica que reverberou nos interesses de Willemann como pesquisador em História. Teve sua trajetória profissional marcada pela atuação como professor primário e de ensino fundamental – desde o ano de 1959 – das disciplinas de História e Filosofia no Colégio Estadual Nossa Senhora de Fátima, em sua cidade de origem. Os primeiros contatos deste historiador com a Universidade Federal de Santa Catarina foram travados em 1976, quando realizou o Curso de Especialização em História.
- ³ Na época em que Willemann ingressou no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, para obter o título de mestre, os alunos do programa deveriam defender uma “tese”, ao invés de uma “dissertação”, linguagem hoje corrente no Brasil. O prazo para finalização do trabalho também era distinto, ao contrário dos dois anos atuais, o limite para a defesa era de quatro anos.
- ⁴ Trabalho apresentado na mesa-redonda “Ouvir e narrar: métodos e práticas do trabalho com História Oral”, durante o II Seminário de História Oral promovido pelo Grupo de História Oral e pelo Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 19 a 20 de setembro de 1996.
- ⁵ A crítica genética é correntemente associada a duas imagens: a de uma teoria literária e a dos estudos das obras. Na universidade, e fora dela, foi principalmente esse segundo aspecto que a tornou conhecida. Com base em duas diferentes condutas, a crítica genética busca tanto esclarecer as práticas de um autor e as significações de um texto quanto interrogar os procedimentos da criação em sua natureza, em suas condições culturais e sociais, em seus modelos formais e tipológicos (BOIE, 2003).
- ⁶ Salles desenvolve suas reflexões a partir das experiências desenvolvidas no laboratório que coordena e que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sob o ponto de vista dos “processos de produção”, nessas experiências são oferecidas outras abordagens de análise para as mídias, artes e literatura que levam em consideração – para além dos produtos publicizados da criação – itens presentes nos “arquivos da criação” (ou seja, anotações, diários, esboços). Esses últimos elementos trariam indícios para compreender as escolhas dos artistas, que ao longo do processo vão ressignificando suas obras.
- ⁷ A história oral teria dado seus primeiros passos no Brasil ainda na década de 1950, a partir de iniciativas ligadas a um grupo de discípulos do sociólogo francês Roger Bastide vinculados à USP. Porém, a análise sociológica qualitativa conectada à utilização de entrevistas viveu um momento de decadência nessa mesma década e cedeu lugar a metodologias quantitativas, como o *survey* muito em voga à época. Especificamente no campo da História, a história oral tem seus primeiros momentos de divulgação ao longo da década de 1970 (PEREIRA, 2013).
- ⁸ Esses pesquisadores foram ministrantes do I Curso de História Oral promovido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, em 1975 (FERREIRA, 1996).
- ⁹ Carlos Humberto Pederneiras Corrêa – falecido no ano de 2010 – vivenciou e participou de momentos-chave da produção historiográfica em Santa Catarina, tanto no campo universitário quanto no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. No cenário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por exemplo, foi o primeiro aluno a defender um trabalho no recém-inaugurado Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Seu trabalho tratava da metodologia da história oral e, logo após a defesa de tese em 1977, foi editado e lançado em forma de manual no ano de

1978, constituindo a primeira publicação do gênero divulgada no Brasil (SCHÜTZ, 2015).

¹⁰ No artigo *Dimensions of Elitelore: an oral history questionnaire*, publicado em 1975, no primeiro volume do periódico *Journal of Latin American Lore*, o casal propõe a utilização dessa categoria em contraposição ao *folklore* (voltado para o estudo das manifestações culturais de “classes populares”). A noção de *elitelore* estava associada ao desenvolvimento de pesquisas sobre uma elite política e social, no caso específico desses pesquisadores, uma elite latino-americana.

¹¹ Entre essas referências estão as obras: *Aculturação dos alemães no Brasil* (1946), de Emílio Willems; *Aculturação Lingüística numa Comunidade Rural* (1942) e *Aspectos Sociológicos e históricos da Escola Rural Teuto-Brasileira* (1963), de Egon Schaden; *Santa Catarina: A Terra, o Homem e a Economia* (1968), de Paulo Fernando Lago; *Uma comunidade Teuto-Brasileira (Jarim)* (1962), de Úrsula Albertsheim e *O Vale do Braço do Norte* (1973), de Pe. João Leonir Dall’Alba.

¹² São utilizadas como referências para localizar temporalmente a circulação desses textos entre os pesquisadores no Brasil a data de publicação dos artigos em português e as primeiras edições brasileiras das obras aqui citadas.

¹³ Além disso, as reflexões acerca dos *lugares de memória* apresentadas por Nora exigiriam do historiador atentar também para a necessidade de compreensão dos processos de produção social de memórias, do seu papel na construção do conhecimento histórico e na consolidação de determinadas narrativas historiográficas.

¹⁴ Sobre o acesso à bibliografia internacional por parte de pesquisadores brasileiros, cabe mencionar que o próprio Carlos Humberto Corrêa se ressentia também da questão em nota de rodapé de seu manual, quando afirma: “A bibliografia referente a trabalhos publicados na Europa e demais continentes é difícil de ser encontrada. Temos notícias de estudos referentes a Austrália e Nova Zelândia [...]; um trabalho teórico publicado na França [...] e outro trabalho referente ao Congo [...]. Entretanto, tais estudos não puderam ser consultados por motivos vários (CORRÊA, 1978, p. 20).

¹⁵ Turíbio Schmidt era professor aposentado e morava na cidade de Braço do Norte (SC), quando Willemann o entrevistou tinha 74 anos.

¹⁶ Guilherme Daufenbach, morador da cidade de São Ludgero (SC), era agricultor e marceneiro. No momento da realização da entrevista, ele tinha 74 anos de idade.

¹⁷ Roberto João Tenfen era professor aposentado e morava na cidade de Rio Fortuna (SC). Quando cedeu a entrevista à Simão Willemann tinha 65 anos de idade.